

**“Mode a gente arrecordar”: as mediações, culturas de massas e a mídia sonora no dito
“interior” no início do século XX**

**“Mode a gente arrecordar”: mediaciones, culturas de masas y médios sonoros en el
llamado “interior” a principios del siglo XX**

Victória Tupini Pereira¹

Seção: Experiências estéticas com a arte enquanto cultura

Resumo

O presente pesquisa tem por objetivo a análise histórica do acervo fonográfico salvaguardado pela Casa de Cultura Villa Maria, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, em especial o Fundo Amador Pinheiro da Silva de discos de acetato 78 rpm, que compôs parte do *broadcast* da Rádio Cultura de Campos (PRF-7), emissora inaugurada em novembro de 1934, em consonância a educação patrimonial ético-política, com o propósito de construção inter-subjetiva da produção do conhecimento e a análise de uma circularidade musical e paisagem sonora o início do século XX.

Palavras-Chave: Acervo Fonográfico; circularidade musical; estética musical; paisagem sonora

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo el análisis histórico de la colección fonográfica resguardada por la Casa de Cultura Villa Maria, del Universidad Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, em particular el Fondo Amador Pinheiro da Silva de discos de acetato de 78 rpm, que formó parte de la emisión de la Rádio Cultura de Campos (PRF-7), emissora aberta em novembro de 1934 en línea com la educación del patrimônio ético-político, com el propósito de la construcción intersubjetiva de la producción de conocimiento y el análisis de uma circularidade musical y um paisaje sonoro a principios del siglo XX.

Palabras claves: Colección Fonográfica; circularidade musical; estética musical; paisaje sonoro.

1. Introdução

Enquanto acervo tangível, composto por 1835 discos de acetato, esta pesquisa trata, também, do acervo enquanto patrimônio material da memória nacional, de importância cultural e histórica para a compreensão de uma construção de identidade nacional. Analisando a partir do contexto de afirmação da modernidade brasileira, acionada pela ascensão da

¹ Técnica em Guia de Turismo; Licenciada em História pelo Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional/UFF; Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil; victupini@gmail.com.

sociedade e da cultura de massa sob o prisma da “resolução” da Questão Social, provocada pela emergência do proletariado urbano, em vias de organização, visto o contexto de êxodo rural contínuo para essas áreas urbanizadas – ou em processo de urbanização - e a conjuntura de implosão de debates substanciais como, por exemplo, cultura de massas, indústria cultural e fonográfica, cultura popular, e, principalmente, na música popular gravada. Dessa maneira, o uso do meio radiofônico seria apropriado pelos setores hegemônicos para produzir uma certa “cultura política” e identidade nacional que impõe uma ideia de harmonia cultural, em que a simbologia da ordem social estaria sendo mantida pelo Estado. Entendendo que “tanto a produção de memória como o esquecimento são produtos sociais” (TOLENTINO, 2018:56), através de uma investigação de cultura musical que compôs uma paisagem sonora de um espaço-tempo específico, mas que entra numa rede de circularidade musical, sendo essa, com sua estética híbrida, tratada como projeto modernizador pelas classes hegemônicas e como resistência pelo povo dito “debaixo”, reconhecendo as relações entre cultura e poder enquanto determinantes de posturas autoritárias e de subjugação.

O acervo fonográfico Fundo Amador Pinheiro da Silva, composto por 1835 discos de acetato 78 RPM e reúne desde clássicos da música erudita europeia, de compositores como Chopin, Bach, Beethoven à uma coleção de acetatos latino-americanos, com gravações de samba, choro, maxixe, bolero, valsa, fox-trot, entre outros gêneros musicais que compõe o catálogo. Seu catálogo foi produzido em 1992, mesmo ano de doação do Fundo, por Vânia Barreto e Vicente Rangel, contudo não segue as normas arquivísticas atuais e nem acompanha os estudos historiográficos sobre os gêneros, o que dificulta e problematiza o acesso a essa fonte sonora, mas que não entra em demérito, pois seguiu um primoroso rigor na descrição dos diferentes itens do acervo.

Doado pela família de Amador, a coleção pertencia ao alfaiate e radialista que foi o primeiro presidente da Rádio Cultura de Campos, inaugurada em novembro de 1934. Contemporânea a Era do Rádio, a PRF-7 fixou rapidamente na cena cultural campista e regional, e já no seu primeiro ano contava com programação ao vivo, orquestra de salão e artistas atuantes no seu auditório, como podemos observar no jornal Monitor Campista, analisado diariamente entre 1934 e 1938. Compreendemos que a análise desse período da radiodifusão como essencial para a investigação da estética de uma paisagem sonora, da circularidade musical somada a um imperialismo cultural, as distinções de nacionalismos, de

quem batuca no botequim e no chão de terra compõe suas modas, e no “asfalto” faz resistência. Como salienta Lia Calabre

À medida que o rádio ia se popularizando, passava a sofrer fortes críticas de uma parte da intelectualidade, que insistia em mantê-lo como veículo com fins educativos e divulgador da produção cultural erudita. Grande parte das críticas era dirigida à programação musical, em especial os sambas, marchas e canções, que passavam a dominar as emissoras populares. (CALABRE, 2002:23)

No locus da pesquisa, no processo de construção de saberes, cabe ressaltar o papel da produção da História no sentido de idealização romântica de um passado comum, em que as referências atávicas mantêm estereótipos e o racismo estrutural sobre uma ordem, entendida como racional, pois mecanicamente “evolutiva” e, paradoxalmente anti-moderna, cujas faíscas repercutem o conservadorismo latente da sociedade latino-americana.

Sabe-se que o sistema radio-difusor se tornara veículo para circulação da “cultura ocidental” paralelamente à construção de um modelo de cultura nacional fundada no “mito das três raças”. Neste sentido, as culturas populares regionais latino-americanas, através de estudiosos a estas dedicados: musicistas; folcloristas, entre outros intelectuais, forjaram e delimitaram “estéticas” inteligíveis aos cânones da modernidade.

2. Metodologia

Quanto as implicações metodológicas, entendemos que para pesquisa necessitou debruçar-nos sobre múltiplas perspectivas de análise, são elas: 1. Arquivismo: processo de salvaguarda do patrimônio material e imaterial, visto que o acervo é material – de discos – mas também imaterial – sonoro –, portanto o processo de higienização, digitalização, reestruturação do catálogo, formas de divulgação que respeitem a condição física dos discos;

2. Os debates sobre a Estética sonora e a Paisagem sonora, apoiando-nos principalmente nas discussões traçadas por Walter Mignolo (2014), em seu texto *Aesthesis*, onde discute a questão da colonialidade da arte e a hierarquização dos saberes e também sobre o conceito de Paisagem Sonora desenvolvido pelo canadense Murray Schafer (1977) que faz alusão ao campo pluridisciplinar e heterogêneo do sonoro e como o escutar determinada música ou jingle impacta diretamente no cotidiano do sujeito, visto que em definitiva, e como qualquer música, cada um pode rearticular ou organizar mentalmente o percebido e atribuir um certo sentido segundo orienta seus interesses fazia uns aspectos ou outros. Na base de todas as atividades perceptivas ou receptivas se promove a atenção

e a sensibilização no feito sonoro e a capacidade de exploração e de apreciação criativa. (Palmese, Carles, Alcázar, 2010:2)

3. O contexto político-histórico-social dos anos 1930, contexto da chamada Era do Rádio. Se fez necessário entender o cenário social que se consolidou nos anos iniciais do século XX, visto que as mudanças legislativas impactaram diretamente para a economia da cultura, como por exemplo com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) no Brasil, em 1932. Também o conceito de cultura de massas que através da migração cada vez mais crescente do campo para a cidade, ou do Norte para o Sul, como descreve Jorge Amado (1981) em seu livro *Seara Vermelha* a dura viagem de êxodo da caatinga, sertão brasileiro, para o “sul”, na maioria das vezes São Paulo. Tal migração foi peça chave para se compreender a circularidade musical e o aparecimento de novos ritmos, instrumentos, cantos, danças, como o baião, o forró e o xote.

4. O contexto de aplicação tecnológica da radiodifusão no sul dos trópicos, visto que esse processo foi contemporâneo em vários países da América Latina. Para isso, utilizamos como referencial teórico o livro *Dos Meios as Mediações* de Jesús Martin-Barbero, da massa, ou o povo anônimo como uma expressão, um novo modo de existir (BARBERO, p. 86). Além das análises em *A Era do Rádio*, da historiadora Lia Calabre, que nos possibilitou fazer a ligação entre o Fundo Amador Pinheiro da Silva e a Rádio Cultura de Campos, visto que inicialmente eram criadas as Sociedades de rádio, como a Sociedade Rádio Cultura de Campos, onde um grupo de animadores culturais se reuniam, criavam filiações e membros para escutar e transmitir através de alto-falantes as notícias, gêneros musicais a gosto (TUPINI, 2020), e que alinhavam tal visão sobre o rádio a cunha educativoculturais com estética de uma elite hegemônica e detentores do capital cultural dito “culto”. Tal processo de criação das Sociedades de radiodifusão é comum a várias emissoras dos nos 1920 e 1930.

5. A história narrativa da Rádio Cultura de Campos, inaugurada em novembro de 1934. Na perspectiva da fonte histórica, a PRF-7 abre alas ao uso dos meios de comunicação de massa como fontes para entender um cotidiano que outrora foi vivido e que causam impactos na contemporaneidade, através das memórias tanto dos documentos históricos, como das pessoas que viviam esse cotidiano. Duas estabelecidas conversas sobre a emissora são interessantes serem comentadas nesse projeto: a primeira com um morador de área nobre da cidade que acompanhava a programação convicto, contando que se emocionava com as rádio-novelas e se informava pelos noticiários; o segundo, sambista e morador de uma comunidade localizada no centro da cidade, aborda mais aspectos das narrações de futebol, dos sambas que foram gravados ali e dos programas de humor, mas complementa dizendo que “não era na Rádio Cultura que os novos músicos tinham voz, apresentavam-se nas emissoras de bairro” (TUPINI, 2020:4).

Por partimos da análise de fontes sonoras, nesta pesquisa a música tomou protagonismo, tanto por vias da estética já mencionada acima, como pelo desenvolvimento técnico de instrumentos e novos gêneros musicais que surgiam pela circularidade musical influenciada pelo rádio. O advento da gravação fonográfica marca um grande salto nos meios de registro e divulgação da música, diminuindo seu aspecto técnico-formal e aumentando o aspecto propriamente sonoro. Esse modo de registro do som distancia-se enormemente da escrita (musical ou literária) ao mesmo tempo em que se mostra muito mais acessível para um grande público de ouvintes ou mesmo de músicos populares. A fonografia mesclava categorias estético-musicais (tais como erudita, semi-erudita, popular e popularesca) e estabelecia contatos entre estas, o que foi fundamental para a criação de novos procedimentos na música popular. (TEIXEIRA, 2004, p. 280).

Exemplo claro disso é o que Marcos Virgílio da Silva analisou em sua tese de doutorado “Debaixo do pogrêssio”: urbanização, cultura e experiência popular em João Rubinato e outros sambistas paulistas (1951-1969), onde descreve o mundo do samba paulista. Aqui, o processo de transformação de um samba rural para um samba urbano, com suas variações estilísticas e a criação de gêneros como o Fox-trot é importante, principalmente para entendermos essa categoria brasileira de país “subalterno” em relação aos ianques.

3. Referências

Acervo Documental Sonoro/ Fonoteca da Casa de Cultura Villa Maria/CCVM da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Acesso de abril de 2017 a março de 2018. Campos dos Goytacazes/RJ.

CALABRE, Lia. A Era do Rádio. 2.Ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

MIGNOLO. Walter. Aesthesis Decolonial. In: Arte y estética en la encrucijada decolonial II. Org. Pedro Pablo Gomez. 1ª ed. Buenos Aires. 2014.

MENESES. Ulpiano T. Bezerra. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. CPDOC/FGV-IEB/USP – São Paulo, 1997.

PALMASE, CARLES, ALCÁZAR. Um acercamiento pedagógico al paisaje sonoro: escucha, recreación, creación. IN: Paisajes Sonoros de Cuenca, UCLM. P.: 14-17, 2010.

RANGEL JR., Vicente Marins. 1992. Recortes da Memória Musical de Campos (1839-1965). Itaperuna: Damará.

SILVA. Marcos Virgílio. “Debaixo do pogrêssio”: urbanização, cultura e experiência popular em João Rubinato e outros sambistas paulistas (1951-1969). – São Paulo, 2011. 287 p.: il.

TEIXEIRA. Simonne. Um olhar sobre o papel do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural/INEPAC na construção da identidade do estado do Rio de Janeiro. IV Simpósio Nacional de História Cultural. Goiás, 2008.

TOLENTINO. Átila Bezerra. Educação patrimonial decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal. Sillogés – v.1, 2018.